Cultor do Direito, era-o também das letras, tendo sido sempre poeta de fina sensibilidade e bom gôsto, cultivando os jogos florais do espírito, com permanente interêsse. O humorismo teve nêle um prosélito da mais pura ironia, a sátira com habilidade e dextreza.

No Rio de Janeiro, colaborou em vários jornais e revistas como «A Rua», «A Notícia», «O Diário Carioca», «A Vanguarda», «Fon-Fon» e outras publicações.

Era casado com D. Emília Barroso Studart, já falecida e deixou os seguintes filhos: D. Maria Luisa Studart de Morais, casada com o Dr. Paulo de Morais Filho; Vice-Almirante Dr. Armando Barroso Studart, viúvo, médico; Dr. Lauro Barroso Studart; D. Maria Antoniêta Studart Palêta de Cerqueira, casada com o Dr. Luis Palêta de Cerqueira; Hugo Studart, comerciante e senhorita Margarida Studart.

A Academia Cearense de Letras se fêz representar no entêrro e exéquias pelo seu Presidente Mário Linhares, que no momento se encontrava no Rio de Janeiro.

Deixamos aqui a homenagem do nosso profundo respeito e saudade ao Dr. Eduardo Studart, que foi um dos últimos sobreviventes fundadores da nossa instituição.

TEODORO CABRAL

Faleceu no dia 23 de julho de 1955, na Capital da República, o jornalista Teodoro Cabral, que ali desempenhava as funções de Diretor da Secção de Enciclopédias e Dicionários do Instituto Nacional do Livro.

Perdeu o Ceará um dos seus maiores valores, pois, apesar de auto-didata, o extinto projetara-se no cenário intelectual como poliglota, jornalista e escritor de incontestável mérito.

Profundo conhecedor de várias línguas, inclusive inglês, francês, alemão, espanhol e russo, êsses conhecimentos permitiram a Teodoro Cabral o acesso à carreira consular, havendo sido êle assistente técnico do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Praga e em Budapest e chefe do Escritório em Bogotá.

No jornalismo teve fulgurante atuação, dentro e fora do Ceará. Depois de haver sido redator chefe do «Estado do Pará», de Belém, regressou à nossa Capital, onde foi um dos colaboradores de Antonio Drumond na fundação da «Gazeta de Notícias», jornal que secretariou e em seguida dirigiu até sua transferência para o Rio, em 1932.

Durante sua passagem pela «Gazeta» adotou o pseudônimo de «Polybio», em crônicas cintilantes, que fizeram época.

No Instituto Nacional do Livro promoveu a tradução de obras raras sôbre o Brasil, da autoria de Pohl e Ave L'Allemnt, e publicou

Dicionários Comerciais Português-Inglês e Português-Espanhol e um Léxico Açucareiro.

Nascera em Itapipoca, aos 9 de Novembro de 1891, sendo filho de Francisco Gonçalves Cabral e D. Maria de Lima Cabral.

De seu consórcio com D. Matilde Correia Cabral, falecida há muitos anos, não deixou descendência.

Pertenceu à Academia Cearense de Letras, como sócio efetivo e, depois, na categoria de correspondente.

CASTRO MONTE

Ecoou dolorosamente nos meios intelectuais e sociais a notícia do falecimento, no dia 21 de julho de 1956, nesta Capital, do Dr. José de Castro Monte.

O extinto, além de provecto causídico, era brilhante escritor.

Radicado em Manáus, ali manteve a mais importante banca de advogado e, amando os assuntos literários e históricos, teve papel saliente na Academia Amazonense de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas, sodalícios a que pertenceu, havendo sido presidente efetivo do segundo, funções que desempenhou até morrer.

Era sócio correspondente do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras.

Na Academia Cearense, proferira, em 1955, cintilante palestra.

Deixou viúva a Exma. Senhora D. Marieta Chaves Monte e vários filhos.

Como bibliófilo e colecionador de objetos artísticos, o seu patrimônio, nesse tocante, era opulento.

Neste registo, homenageamos a memória do querido companheiro.

DR. ALERANO DE BARROS

Dr. Joaquim Alerano Bandeira de Barros nasceu em Recife no dia 21 de Maio de 1882, filho do Dr. Joaquim Cavalcante Leal de Barros, professor e intelectual de renome e de D. Domitila Teles Bandeira de Melo.

Formou-se em Direito pela Faculdade de Recife em 1904 e em 1905 veio residir no Ceará.

Ingressou na Magistratura. Foi Juiz Municipal de Assaré em 1905 e Juiz de Direito de Iguatú de 1905 a 1915, de Viçosa do Ceará de 1915 a 1931 e de Maranguape de 1931 a 1938, ano em que se aposentou.

Consorciou-se a 24 de Novembro de 1907 com D. Maria da Glória Teixeira. Deixou 3 filhos: General Murilo Teixeira Barros, resi-